



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **INTERAÇÃO ALUNO/INTERFACE E LETRAMENTO DIGITAL: (IN) DEPENDENTES?**

ERIDA SOUZA LIMA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

**RESUMO** Este artigo tem por intuito discutir como ocorre a interação entre o aluno e as novas tecnologias, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital. Nesse sentido, questionamos: a interação aluno/interface e o letramento digital são dependentes ou independentes entre si?

Além da pesquisa bibliográfica, utilizamos como fonte de dados dois questionários e entrevista, aplicados com 29 alunos dos cursos de graduação em Letras Português/Espanhol e Letras/Espanhol, da Universidade Federal de Sergipe. Para elucidar esta pesquisa, utilizamos os conceitos de Mattar (2012), Palfrey (2011), Ribeiro (2008), Soares (2002), entre outros. Palavras-chave: Interação aluno/interface. Letramento Digital. Novas Tecnologias. **RESUMEN** Este artículo tiene el objetivo de discutir cómo ocurre la interacción entre el alumno y las nuevas tecnologías, y cómo la interacción alumno/interface puede influenciar en el desarrollo de la literacidad digital. En ese sentido, cuestionamos: ¿la interacción alumno/interface y la literacidad digital son dependientes o independientes entre sí?

Además de la investigación bibliográfica, utilizamos como fuente de datos dos encuestas y entrevista, aplicados con 29 alumnos de los cursos de graduación en Letras Português/Español y Letras/Español, de la Universidade Federal de Sergipe. Para aclarar esta investigación, utilizamos los conceptos de Mattar (2012), Palfrey (2011), Ribeiro (2008), Soares (2002), entre otros. Palabras clave: Interacción alumno/interface. Literacidad Digital. Nuevas Tecnologías.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS** Sabemos que o letramento digital implica o uso das tecnologias nos exercícios efetivos das práticas socioculturais de leitura, escrita, e outros meios de interação que

circulam no meio digital. Segundo Soares (2002, p. 151) letramento digital se refere a um “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela”, diferenciando-se do que se convencionou chamar de letramento puro e simples. No que diz respeito à interação aluno/interface, no contexto educacional, corresponde à interação que ocorre entre o aluno e a tecnologia nas mediações em EAD, já que o aluno precisa utilizá-la para interagir com o conteúdo, o professor e os outros alunos. No entanto, essa interação também pode ocorrer na educação presencial, desde que o aluno tenha acesso e interaja com alguma nova tecnologia. Este artigo pretende discutir como ocorre a interação entre o aluno e as novas tecnologias, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital. Nesse sentido, questionamos: a interação aluno/interface e o letramento digital são dependentes ou independentes entre si?

Para a coleta de dados realizamos uma pesquisa de campo através de aplicação de questionário e entrevista, com 29 alunos dos cursos de graduação em Letras Português/Espanhol e Letras/Espanhol (somente duas turmas), da Universidade Federal de Sergipe, localizada no município de São Cristóvão. Dentre os 29 alunos, 19 vivem nos interiores do estado e 10 vivem na capital Aracaju. A turma de Letras Português/Espanhol é do turno vespertino, tem um perfil de alunos jovens, entre 17-20 anos, com poucas exceções de alunos que ultrapassam essa média de faixa etária. A maioria não trabalha, apenas se dedica aos estudos. Já a turma de Letras/Espanhol é do turno noturno, tem um perfil diferente, são alunos mais velhos, experientes. A faixa etária abrange de 20-70 anos. A maioria tem uma rotina de trabalho, por essa razão, optou por estudar a noite. **INTERAÇÃO X INTERATIVIDADE** As tecnologias da informação e comunicação trouxeram consigo uma nova variante das interações já existentes, que faz alusão à relação do ser humano com as máquinas. O termo interatividade foi criado pensando também em realizar essa distinção existente do novo tipo de interação. Desde então, os conceitos de interação e interatividade vem sendo discutidos por variados autores, que trazem consigo suas percepções peculiares. De acordo com Houaiss (2014), interação seria uma atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas; interatividade seria a capacidade de um sistema de comunicação ou equipamento de possibilitar interação; e interativo seria aquilo que permite ao indivíduo interagir com a fonte ou emissor. Svanaes (2000 apud TORI, 2010, p. 85) sugere uma analogia desses três conceitos com os termos radiação, radiativo e radiatividade. Ele afirma que o cientista estuda radiatividade, o composto urânio é radiativo e emite radiação. Do mesmo modo, no âmbito educacional, a aula é interativa, já que possibilita a interação, isso porque a metodologia adotada emprega interatividade. Segundo Belloni (2012, p. 63), a interatividade apresenta dois significados diferentes, de um lado seria a potencialidade técnica oferecida por algum meio, como hipertextos, jogos informatizados; do outro lado seria a possibilidade do usuário agir sobre a máquina e receber em troca uma retroação da máquina sobre ele. Já a interação seria a ação recíproca entre dois ou

mais atores em que ocorre intersubjetividade. No que se refere à realidade virtual, para Steur (1993 apud PRIMO, 2011, p. 34), a interatividade seria a extensão em que os usuários podem participar na modificação da forma e do conteúdo do ambiente mediado em tempo real; uma espécie de variável direcionada pelo estímulo e determinada pela estrutura tecnológica do meio, como uma relação de estímulo-resposta. Jensen (1999 apud PRIMO, 2011, p. 37) segue a mesma linha de pensamento quando afirma que a interatividade seria a medida da habilidade potencial da mídia em permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou na forma da comunicação mediada. Para Wagner (1994; 1997 apud MATTAR, 2012, p. 24-25), a interação envolveria o comportamento e as trocas entre indivíduos e grupos que se influenciam. Já a interatividade envolveria os atributos da tecnologia contemporânea utilizada na educação à distância, que permite conexões em tempo real. Sendo assim, a interação teria a ver com as pessoas, e a interatividade com a tecnologia e os canais de comunicação. Segundo Lemos (2000 apud MATTAR, 2012, p. 25), a interação teria a ver com a interação “social”, e a interatividade seria uma nova maneira de relação do ser humano com as máquinas eletrônico-digital, diferente, inclusive, da interatividade analógico-mecânica, que faz referência às mídias mais antigas. Silva (2006 apud MATTAR, 2012, p. 26), defende que a interatividade representa o espírito de um novo tempo, uma revolução na comunicação; seria um conceito mais aberto que o de interação por apontar para o imprevisível. Primo (2007 apud MATTAR, 2012, p. 37) utiliza o termo interagente no lugar de usuário, bem como o termo interação mediada por computador no lugar de interatividade, pois, o que lhe importa é poder realizar uma comparação entre a interação mediada por computador com a comunicação humana. A comunicação humana com o uso da interação mediada por computador seria, então, aquela em que o usuário além de assumir o papel de receptor de informações, também, pode buscar suas próprias informações, a partir da internet. No que diz respeito à interatividade e interação, Primo traz a reflexão de que precisam ir além dos cliques, e que as interações mútuas devem ser levadas em consideração:

com frequência as discussões sobre “interatividade” não conseguem ir além do que a Teoria da Informação postulava ainda nos anos 40. Sendo assim, não se consegue ultrapassar o mero tecnicismo e vislumbrar a complexidade das interações mútuas mediadas por computador, como por exemplo as paixões que emergem nos *chats*, as acaloradas discussões nas videoconferências e listas de discussões e os relacionamentos que são construídos através dos programas de mensagens instantâneas. (PRIMO, 2007 apud MATTAR, 2012, p. 37-38) O mesmo autor ainda reitera que a relação do homem com a máquina não caracteriza um diálogo, e que a interatividade deve ser considerada como um processo, não uma característica do meio ou capacidade do canal. Dentro desse processo, o

autor frisa que além de pensar nas seleções, comandos e percursos possibilitados entre a interação homem/máquina; é imprescindível pensar também na interação dialógica, como, por exemplo, os *chats* e e-mails, podendo ser utilizados de modo síncrono e/ou assíncrono. Nesse sentido, Primo propõe a reflexão de dois tipos de interação: a mútua e a reativa:

Na interação mútua, os interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações. As soluções inventadas são apenas momentâneas, podendo participar de futuras problematizações. A própria relação entre os interagentes é um problema que motiva uma constante negociação. Cada ação expressa tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes. Isto é, o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais e relações de poder). Devido a essa dinâmica, e em virtude dos sucessivos desequilíbrios que impulsionam a transformação do sistema, a interação mútua é um constante vir a ser, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro (s), ou seja, não é mera somatória de ações individuais.

[...]

As interações reativas, por sua vez, são marcadas por predeterminações que condicionam as trocas. Diferentemente das interações mútuas (cuja característica sistêmica de equifinalidade se apresenta), as reativas precisam estabelecer-se segundo determinam as condições iniciais (relações potenciais de estímulo-resposta impostas por pelo menos um dos envolvidos na interação) – se forem ultrapassadas, o sistema interativo pode ser bruscamente interrompido. Por percorrerem trilhas previsíveis, uma mesma troca reativa pode ser repetida à exaustão (mesmo que os contextos tenham variado). (PRIMO, 2007 apud MATTAR, 2012, p. 38) A interatividade ainda é vista de modo bastante técnico, porém, quando tratamos de interação mediada por computador, os conceitos técnicos acabam sendo insuficientes, já que se trata de uma 'interação mediada', ou seja, não é apenas uma interação com a máquina, mas também a interação através da máquina, como trata Primo (2011, p. 30-31):

Quando se fala em "interatividade", a referência imediata é sobre o potencial

multimídia do computador e de suas capacidades de programação e automatização de processos. Mas ao estudar-se a interação mediada por computador em contextos que vão além da mera transmissão de informações (como na educação a distância), tais discussões tecnicistas são insuficientes. Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador. Seria como tentar jogar futebol olhando apenas para a bola, ou seja, é preciso que se estude não apenas a interação com o computador, mas também a interação através da máquina. De acordo com Mattar (2012), o termo interatividade surgiu nas décadas de 1960 e 1970 com as artes, os críticos das mídias de massa e as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, passando a ser utilizada de forma considerável pela informática. Já o termo interação apareceu em 1832 como um neologismo, no *Oxford english dictionary*, e em 1867 em francês. Podemos notar que ambos os termos surgiram em períodos distantes um do outro. No entanto, mesmo o termo interação ter sido utilizado em diversas ciências há mais tempo que a interatividade, atualmente, os dois conceitos são muitas vezes utilizados como sinônimos, o que acarreta uma confusão conceitual. Enquanto alguns autores utilizam ambos os termos, trocando um pelo outro sem diferenciar seus significados; outros procuram diferenciá-los, a partir de definições precisas e distintas. É o caso do termo *interação aluno/interface*, de que trataremos mais adiante. Por se tratar de um tipo de interação entre pessoa/máquina, poderíamos dizer que seria um tipo de interatividade, logo, a nomenclatura seria *interatividade aluno/interface*; porém, neste caso, o autor não faz distinção entre ambos os termos e por essa razão, utiliza interação como sinônimo de interatividade. **A INTERAÇÃO ALUNO/INTERFACE** No contexto educacional, a interação aluno/interface está relacionada à Educação à Distância (EAD), levando em consideração a interação entre o aluno, professor e conteúdo, através da tecnologia. Porém, é importante frisar que não é o tipo de interação que ocorre apenas nesse contexto, de modo que qualquer interação realizada entre pessoa/máquina, independente do contexto, seria um tipo de interação sujeito/interface. Na interação aluno/interface é essencial que o design educacional utilize estratégias para facilitar a aquisição das habilidades necessárias, para os alunos participarem adequadamente de cursos à distância. Metros e

Hedberg (2002 apud MATTAR, 2012, p. 43-44) chamam a atenção para diferentes aspectos da interface que influenciam na aprendizagem e no design de interações, como usabilidade, funcionalidade, comunicação e estética. Segundo os autores, a interface deveria ser atrativa, desafiadora e envolvente. Como nossa intenção é averiguar como ocorre a interação entre o aluno e a tecnologia, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital, perguntamos aos informantes como se dava a interação entre eles e as tecnologias de que fazem uso, 23 alunos alegaram ter facilidade, enquanto que 6 alunos informaram que ainda sentem dificuldades. Dentre os que responderam positivamente, alegaram o seguinte:

O primeiro contato é complicado, mas, depois acostumo e não sinto mais dificuldades. (Informante 3)

Tenho uma boa interação, adoro trabalhar com a tecnologia. (Informante 22)

Tudo acontece de uma forma agradável, sempre quando há dúvidas, procurando saber qual a sua função e como funciona. (Informante 11)

Uma boa interação, desde quando não apresente um problema técnico. (Informante 13)

Muito boa, tudo que desejo fazer realizo com êxito. (Informante 14)

Tenho uma certa facilidade, claro que tem coisas que não sei. Mas utilizo bem e logo aprendo o que não sei. (Informante 15)

Costumo utilizar diferentes recursos tecnológicos nos estudos, trabalho, para compartilhar informações. (Informante 17)

Consigo interagir e usar qualquer tecnologia, de forma que não consigo mais estudar sem o *netbook* ou fazer qualquer outra coisa relacionada à aprendizagem ou a educação sem o mesmo. (Informante 18)

Já os que responderam negativamente, alguns alegaram o seguinte:

Acho que não tenho muita facilidade. (Informante 2)

Às vezes não consigo usar corretamente. (Informante 20)

A desejar. (Informante 21)

Quando perguntamos se eles utilizavam o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos; alguns ainda apresentaram certa resistência quanto ao uso da tecnologia, como afirmou o informante 9: "... Prefiro baixar o conteúdo e imprimir porque ler pela tela é muito chato e cansativo", ou mesmo o informante 2: "... Se for leitura longa, tento imprimir, não gosto de ler muito tempo por essas ferramentas. Cansa as vistas muito rápido, dar dor de cabeça. Prefiro ler em livros, em folhas impressas". Já quando perguntamos se utilizavam o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar alguma produção escrita, alegaram que utilizam as ferramentas para a prática escrita, a maioria para produções voltadas aos textos acadêmicos, tais como: artigo científico, dissertação, resumo, resenha e fichamento. Esse resultado demonstra que apesar da maioria alegar que tem facilidade no que se refere a sua interação com as tecnologias, alguns ainda mantém certa resistência quanto ao uso efetivo delas, como por exemplo, optar por imprimir um texto ao invés de realizar a leitura na tela, ou mesmo fazer uso da tecnologia, basicamente, para elaborar textos acadêmicos, textos estes obrigatórios, ao invés de explorar de modo mais amplo a produção escrita na tela. No que se refere ao acesso à internet do grupo em análise, 25 alunos responderam que tem acesso à internet móvel e 4 que não tem acesso. Quanto à internet imóvel, 21 responderam que tem acesso e 8 que não tem acesso. Também citamos algumas ferramentas tecnológicas e perguntamos se possuíam, os mais votados foram o *notebook* ou *netbook*, e o celular com acesso à internet. No entanto, apesar da maioria ter acesso à internet (acesso à rede), além de ter acesso à algumas ferramentas tecnológicas (acesso às tecnologias) não é o suficiente, não é o bastante para garantir uma boa interação aluno/interface, muito menos garantir que o indivíduo saiba explorar o que a tecnologia tem a oferecer para realizar práticas de letramento digital, porque o indivíduo pode ter acesso à tecnologia e não saber fazer uso dela,

ou mesmo fazê-la de modo limitado. “O mundo digital oferece novas oportunidades para aqueles que sabem como aproveitá-las. Essas oportunidades possibilitam novas formas de criatividade, aprendizagem, empreendimento e inovação”. (PALFREY et al., 2011, p. 24) A questão de ter acesso ao computador e outras ferramentas tecnológicas, bem como seus recursos garante a popularização e/ou democratização da informática, porém, não, necessariamente, a inclusão digital, pois, para fazer parte da sociedade letrada é preciso muito mais que ter acesso à rede e tecnologia, é preciso ter conhecimento dos valores sociais que a sociedade no qual o indivíduo está inserido apresenta:

Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização. No caso do letramento digital não é diferente. É preciso ir muito além do aprender a digitar em um computador. Quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e a seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informática, mas não necessariamente em inclusão digital. (...) a inclusão é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo. (PEREIRA, 2005 apud RIBEIRO, 2008, p. 38) Outro questionamento se referiu às dificuldades quanto ao manuseio do computador ou de outras ferramentas tecnológicas, 22 alunos alegaram não possuir dificuldades e 7 informaram que sentem dificuldades. Já no que diz respeito às cinco informantes da entrevista, 3 alegaram que não sentem dificuldades, como a informante 1 (*vide* apêndice 3): “Não. Quanto ao manuseio não”, e a informante 5 (*vide* apêndice 7): “Não, não, dificuldade não. É fácil”. Já as informantes 3 e 4 alegaram sentir dificuldades no manuseio de *notebook* e/ou *tablet*, como respondeu a informante 3 (*vide* apêndice 5) : “Às vezes no notebook tem coisas que não sei mexer, no *tablet* também, como é um aparelho recente né?

Eu ainda não sei mexer muito”, e a informante 4 (*vide* apêndice 6): “Eu sinto dificuldade, principalmente em relação a *notebook*, eu uso muito, mas eu sinto dificuldade”. Além da questão do manuseio da máquina, também questionamos quanto ao uso dos seus respectivos programas e/ou aplicativos, bem como o uso da internet. Nesse tópico, notamos um equilíbrio entre aqueles que têm ou não dificuldades, apesar da maioria ter

respondido que não sente dificuldades, o outro lado que alegou ter representa uma quantidade significativa. Os programas e aplicativos mais citados pelos informantes do questionário, como sendo os que sentem mais dificuldades são: *excel*, *power point*, *fotoshop*, *adobe*, *word*, aplicativos para baixar arquivos da internet, e o próprio uso da internet para baixar músicas, vídeos e aplicativos. Na entrevista, três das informantes alegaram que não sentem dificuldades quanto ao uso de programas, aplicativos e sites de que fazem uso, como afirmou a informante 3 (*vide* apêndice 5): “Não, consigo, sites e aplicativos consigo”. Já as duas demais informantes alegaram que sentem dificuldades com alguns deles sim, como respondeu a informante 1 (*vide* apêndice 3): “Aí já é um pouco complicado, tenho dificuldades com alguns aplicativos e sites” “Tipo, por exemplo, professora, quando vai ali para o *power point* né?

Não é *power point* que chama?

Então, ali eu tenho uma dificuldade imensa pra fazer os slides”; e a informante 4 (*vide* apêndice 6): “Acessar mesmo, procurar alguma coisa nos sites, eu sinto dificuldade. Em relação ao novo *Windows* eu sinto uma dificuldade enorme”. A partir desses dados, podemos notar que há um equilíbrio no que se refere ao uso de programas e/ou aplicativos, de modo que se divide entre os que sentem ou não dificuldades. **CONSIDERAÇÕES**

**FINAIS** A partir dos dados analisados na pesquisa realizada com os alunos de graduação em Letras Português/Espanhol e Letras/Espanhol, da Universidade Federal de Sergipe, não podemos afirmar até que ponto a interação aluno/interface influencia no desenvolvimento do letramento digital, já que a interação aluno/interface também está ligada à alfabetização digital, no sentido que o indivíduo precisa do conhecimento técnico para que possa interagir com a máquina. Além da questão do uso, até que ponto ele faz uso e explora a tecnologia na sua interação também pode influenciar na realização das práticas de letramento. Nesse contexto, quanto melhor for sua interatividade com a tecnologia, melhores poderão ser suas possibilidades de práticas de letramento digital, em contrapartida, quanto mais limitada for sua interatividade com a tecnologia, mais limitadas também serão suas possibilidades de práticas de letramento digital. Desse modo, o fato de terem uma boa interação com a máquina não garante que realizem práticas de letramento, já que eles podem saber manusear e ter facilidade na interação com a máquina, e não saberem fazer uso dela nas

situações socioculturais de comunicação que o mundo digital requer.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 127 p. (Coleção Educação Contemporânea). HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**.

Disponível em:

<http://  
houaiss.uol.com  
.br

>

Acesso em: 01 julho 2016. MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. (Série Educação e Tecnologia). PALFREY, John et al. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**/ tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011. PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura). RIBEIRO, A.E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística). FALE/POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2008. SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade**. v.23 nº.81 Campinas, 2002. p. 143-160.

Disponível em:

<http://  
www.  
scielo.br  
/pdf/es/v23n81/13935.pdf

>

Acesso em: 01 julho 2016. TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 254 p.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 127 p. (Coleção Educação Contemporânea). HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da**

### **Língua Portuguesa.**

Disponível em:

<<http://houaiss.uol.com.br>>

Acesso em: 01 julho 2016. MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. (Série Educação e Tecnologia). PALFREY, John et al. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**/ tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011. PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura). RIBEIRO, A.E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística). FALE/POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2008. SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Educação e Sociedade*. v.23 nº.81 Campinas, 2002. p. 143-160.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>

Acesso em: 01 julho 2016. TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

É Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Ensino de Línguas Mediado por Computador pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, é Professora Assistente I do curso de Letras Português/Espanhol, modalidade à distância, na Universidade

Tiradentes. E-mail: erida.souza@hotmail.com

Recebido em: 06/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: